

Os “grandes” jogos tradicionais da região transfronteiriça

Cameira Serra e Nuno Serra

1. A raia, traço cultural de união

Apesar de Portugal estabelecer com os restantes países da União Europeia laços políticos, culturais e comerciais, a Espanha representa um papel bem mais importante, por constituir uma ampla antecâmara, de passagem obrigatória, para os restantes países europeus.

Todavia, é na zona raiana que, em virtude de uma longa vizinhança, se foram aprofundando as afinidades e as expectativas, assim como estreitando os laços de amizade e de cooperação entre os povos que vivem de cada um dos lados da fronteira.

Muitos estudos, momentos de reflexão e troca de ideias têm vincado a inexorabilidade de que toda a região fronteiriça descubra a melhor estratégia para resolver as fragilidades sociais e económicas que colocam barreiras ao seu pleno desenvolvimento. Neste quadro, ninguém duvida que o aproveitamento adequado dos recursos naturais, agro-pecuários e industriais, da riqueza arquitectónica e monumental, assim como dos saberes tradicionais e tecnológicos é decisiva. Contudo, a este esforço devemos juntar outras potencialidades, de carácter imaterial e intangível, que constituem o riquíssimo património histórico e cultural desta região raiana.

Com efeito, um processo de desenvolvimento que se pretende global, integrado e participado valorizará devidamente o acervo cultural das populações, no qual se insere o património lúdico-festivo: os jogos, as canções, as danças, as tradições orais, os ritos e as festas.

A geografia e a natureza irmanaram as populações residentes nos dois lados

da fronteira, que já ultrapassaram antigos receios e desconfianças e nutrem o desejo comum de estreitar e consolidar os laços de amizade e de cooperação. Durante séculos, fomos irmãos desavindos, divididos por querelas motivadas pela ambição do alargamento do termo do respectivo território. As mesmas quezílias, na raia beiro-transmontana, ainda há poucos anos aconteciam entre aldeias vizinhas ou no interior das próprias comunidades rurais. As questiúnculas eram por vezes dirimidas à sacholada, em geral por questões tão comezinhas como a situação dos marcos que definiam as partilhas entre duas leiras de terra ou a posse de um rego de água.

Esse tempo de guerras, de um lado e doutro da fronteira, está perpetuado nas linhas paralelas de fortalezas, castelos e cidades fortificadas que, em antagonismo directo, se vigiavam com desconfiança e temor. O referido clima de suspeição e de receio mútuo foi-se instalando no imaginário das populações, através de lendas e ditos pouco abonatórios para os vizinhos que residiam além-fronteira.

Do lado de cá, durante séculos a fio, depreciámos o que vinha do país vizinho, dizendo em tom acusatório: *De Espanha, nem bom vento, nem bom casamento*. Com idêntico propósito, sublinhando decerto os riscos e punições decorrentes da actividade de contrabando, era elucidativo o seguinte adágio: *Castela castiga, se não à entrada, à saída*. Em contrapartida, os nossos vizinhos, quando lançavam as vistas para as terras lusas, na raia beiro-castelhana e, dada a pequenez do nosso território, exclamavam depreciativamente: *Portugueses, pocos y locos*.

É bom que se diga que, mesmo antes da abertura da fronteira, apesar dos entraves que os poderes políticos tentaram impor à intercomunicação das populações raianas, as relações entre os dois povos decorreram num processo natural de permeabilidade. Assim, conquanto se pretendesse, através de intensa vigilância policial, criar uma fronteira administrativa, económica e social que funcionasse como uma barreira intransponível, a raia foi, é e será, cada vez mais, um longo “traço [cultural] de união”¹ entre os dois povos.

Face ao exposto, torna-se necessário que o poder local e o movimento

associativo, nos dois lados da fronteira, continuem a dar as mãos. Em Espanha, a Junta de Castilla y León e o Centro de Cultura Tradicional da Diputación de Salamanca e o Centro de Estudos Ibéricos, na Guarda, em estreita cooperação, devem prosseguir o apoio à concepção de projectos e à promoção de iniciativas que criem dinâmicas positivas e estimulem o desenvolvimento interrelacionado das regiões fronteiriças.

2. O levantamento dos jogos tradicionais na raia

Na zona raiana do distrito a Guarda, no domínio específico do acervo perecível dos jogos populares e tradicionais, exceptuando algumas actividades promovidas pelas câmaras municipais e associações locais, não existe obra feita que mereça referência especial. Pesquisas e publicações saídas a lume nas últimas décadas, sobretudo algumas monografias locais, constituem contributos valiosos (mas insuficientes) para a preservação do nosso património lúdico. Efectivamente, o seu âmbito, geralmente adstrito a uma só localidade, não permite uma visão alargada e comparada das práticas lúdico-festivas, vistas no seu todo e nos pormenores pitorescos. Com efeito, esses registos não se detêm na descrição do respectivo regulamento e muito menos nos aspectos singulares da gíria utilizada pelos intervenientes e da ambiência em que decorriam.

Num extenso livro, Blanco García (1991) descreve centenas de jogos (e respectivas variantes) praticados por crianças e jovens e dezenas de exercícios lúdicos realizados por adultos na província de Salamanca². Muitas destas práticas são iguais ou muito semelhantes às realizadas na zona raiana do distrito da Guarda, embora varie, evidentemente, a respectiva terminologia. Este abundante

1 - “Raia-traço-de união” foi, curiosamente, o lema das II Jornadas organizadas pelo *Jornal do Fundão*, realizadas em Monfortinho, em 1986.

2 - T. Blanco García, *Para jugar como jugábamos*, 1991.

manancial de práticas lúdicas tradicionais vem dar razão a Cristóbal Palos (1992), quando afirma que a região de Castilla y León é uma das que, em Espanha, neste domínio, possui um dos mais vastos acervos.

Além destes autores, Andrés Martín (1987), Ignacio Sanz (1994) e muitos outros que, ao longo dos anos, têm publicado na “Revista de Folklore”, constituem uma fonte de caudal inesgotável para o conhecimento dos “juegos y deportes tradicionales autóctonos”.

Apesar do inegável mérito destas publicações, falta ainda uma verdadeira investigação sobre os jogos da vasta região raiana, carência que, de igual modo, ainda se sente do lado português. Na verdade, se exceptuarmos a contribuição prestada por Lopes Dias³, na sua obra monumental *Etnografia da Beira*, referente aos jogos dos concelhos de Penamacor e Idanha-a-Nova, e os trabalhos de Cameira Serra e Pires Veiga, o que resta são estudos monográficos que não permitem uma análise comparativa feita a nível regional. E, destes, poucos são os que se debruçam concretamente sobre a raia portuguesa. Excepções louváveis, neste domínio, constituem dois estudos realizados na Escola Superior de Educação da Guarda. Num deles, a autora verificou que, dos 34 jogos referenciados pelas crianças da escola do 1º ciclo do Ensino Básico de Vilar Formoso, 32 (94%) eram realizados – ou conhecidos, embora por denominações diferentes –, pelos alunos da vizinha povoação de Fuentes de Oñoro (Pires, 1997). A outra investigação foi realizada em duas comunidades raianas de idêntica dimensão, Aldeia Velha (Sabugal) e Navasfrias (El Rebollar)⁴, que distam menos de dez quilómetros entre si. Os resultados revelam que, dos 89 jogos levantados em Aldeia Velha, somente 67 (75%) eram praticados ou conhecidos em Navasfrias. A variação verificou-se

3 - Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, Lisboa: Livraria Ferin, 11 Vols., publicados entre 1929 e 1971. Sobre jogos e brinquedos tem particular interesse o Vol. VI.

4 - Navasfrias fica situada a sul da Provincia de Salamanca e da Região de Castilla y León.

sobretudo nas crianças com idade compreendida entre 5 e 13 anos e nos jovens acima dos 18 anos, escalões etários nos quais, no povoado espanhol, somente eram conhecidos 50% dos jogos referenciados na aldeia portuguesa (Durão, 2001).

Os dados obtidos indicam que os jogos praticados ou conhecidos nos dois lados da fronteira são idênticos, embora se note, nas localidades espanholas, uma perda mais acentuada das tradições lúdicas, sobretudo entre os jovens. Esta perda do património lúdico talvez se deva à influência mais rápida e decisiva, nos povoados espanhóis, do modo de viver urbano.

Por não serem praticados há décadas, muitos dos chamados jogos tradicionais estão guardados apenas na memória dos mais idosos, pelo que, de um momento para o outro, podem desaparecer sem deixar testemunhos. Este perecimento justifica que, com a necessária urgência, sejam desenvolvidos os maiores esforços para proceder, através de projectos exequíveis, ao levantamento e registo dos antigos jogos, que durante tantos anos se foram perpetuando pelo mecanismo da tradição oral.

Este processo de recolha das tradições lúdicas deve assentar, naturalmente, na entrevista a informantes locais, sobretudo a pessoas idosas, com boa memória e tempo disponível para desenrolar os “fios da memória”. Estamos certos que investigações como estas, dada a sua pertinência, poderiam ser realizadas sob os auspícios de câmaras municipais e associações de desenvolvimento local e regional, candidatando-se a apoios financeiros diversos, nomeadamente aos provindos dos fundos comunitários

Acerca da necessidade do levantamento dos jogos e das restantes tradições culturais e da inexistência de bibliografia específica, nesta matéria, Sousa Viterbo (1899: 57) escreveu, há mais de um século, o seguinte:

“Contribue eficazmente para avultar esta pobreza franciscana a nossa falta de curiosidade e o nosso desleixo, pois deixamos perder e olvidar muita cousa dominados por esta desconsoladora máximu, aliás tão vulgar e tão enraizada do não vale a pena. Ainda assim

conviria fazer o inventario do que existe e do que se conhece, porque assim como grão a grão enche a galinha o papo, da mesma maneira também pouco a pouco, bocadinho d'ali, bocadinho d'acólá, investigação sobre investigação, se viesse a formar uma lista rasoavel, e que até nos surpreendesse, convencendo-nos de que não era tão mesquinho o patrimonio que suppunhamos possuir".

Do *corpus* de informações obtidas a partir da investigação, os jogos deverão ser depois agrupados em categorias mais ou menos homogéneas, desde os mais pueris, expressivos e baseados no ritmo e em bonitas fórmulas rimadas, como as canções de roda (*al corro*) e o *bom barqueio (pasí mist)*, entre outros, até aos “desportos tradicionais”, de que a *malha* e a *calva* são os exemplares mais representativos.

Muitos jogos praticados pelas crianças, enriquecidos, se necessário, com as adaptações aconselhadas pela pedagogia, podem constituir ainda hoje conteúdos da actividade formativa proporcionada pelos jardins de infância e escolas. Outras práticas lúdicas de acentuado cariz motor, como a *barra do lenço (pañuelo)* e o saltar a corda (*comba*), apelam à habilidade e equilíbrio e à velocidade de movimentos; outras, como o *jogo da bola (bolos)* e a *choca* ou *chiqueiro (chueca)*, modalidades precursoras do *bowling*, são actividades cooperativas e/ou competitivas que reúnem condições para ser integradas nos programas de Educação Física e Desporto Escolar dos Ensinos Básico e Secundário; outras ainda, baseadas na estratégia e nos lançamentos em precisão (que adiante denominaremos “grandes jogos”), constituem meios privilegiados de intervenção sociocultural junto das populações rurais e dos bairros periféricos das vilas e cidades. E todos eles, afinal, se devidamente adequados às características dos destinatários, poderão ser integrados com sucesso em diversíssimas actividades de animação sociocultural a realizar em campos de férias, instituições de apoio aos idosos, iniciativas de turismo activo e associações de educação de crianças portadoras de deficiência.

A organização regular de iniciativas práticas de jogos tradicionais, envolvendo várias aldeias circunvizinhas, dos dois lados da fronteira, pode considerar-se,

também, um factor fundamental para a sua divulgação, uma vez que proporciona o convívio entre as populações dos dois lados da fronteira.

3. Os “grandes” jogos da região raiana da Beira Interior e de Castilla y León

Do vasto leque de jogos populares e tradicionais recordados ou esporadicamente praticados na zona raiana do distrito da Guarda tem um merecido lugar de destaque a *malha*, que há mais de vinte anos considerámos o “rei” dos jogos tradicionais em Portugal (Serra & Veiga, 1986). Não encontramos muitos países que possam orgulhar-se de possuir um jogo que, como este, embora com muitas variações, apresente tão grande expressão em todo o seu território⁵. Do lado espanhol, embora não possua um carácter nacional, visto que se pratica sobretudo nas províncias castelhanas de Ávila, Salamanca, Zamora e Valladolid (Moreno Palos, 1992), o jogo da *calva*, também conhecido por *morrillo* ou *chana*, é o que mais se lhe assemelha em popularidade. Trata-se, de igual modo, de um jogo de lançamento em precisão, em cuja versão mais evoluída é utilizado um *marro*, cilindro de ferro ou pedra, arremessado em direcção a um alvo de madeira em forma de L, a *calva*. Curiosamente, as fontes históricas deste jogo indicam que, na forma mais primitiva e rudimentar era um exercício de pastores, que, nos campos, enquanto o gado pascia, lançavam pedras em direcção a um chifre de cabra ou de outra rês, colocado na vertical, na tentativa de o derrubar (Andrés Martín, 1987). Trata-se, afinal, do jogo do *cornio*, *marco*, *sapo* ou *caçapo*, tão praticado até há meio século pelos nossos pastores em localidades dos concelhos de Almeida, Guarda, Pinhel, Sabugal e Idanha-a-Nova, no qual era usada como

5 - Ver também, a este respeito, Graça Guedes e Manuel Augusto (Org.), *Actas do 1º Encontro Nacional dos Jogos de Malha...*, 1993.

alvo uma pedra levantada na vertical, que devia ser deslocada pelo impacto dos projecteis⁶.

O *jogo do ferro* ou *barra de ferro*, conhecido em Castilla y León por *lanzamiento de barra*, constituiu uma das provas de força mais apreciadas na região raiana. Entre nós, foi uma actividade corporal praticada em toda a zona fronteiriça, desde as terras transmontanas até ao Baixo Alentejo. No distrito da Guarda foi, constituiu aos anos sessenta do século XX a principal actividade lúdica dos rapazes e homens das aldeias dos concelhos de Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel, Guarda, Sabugal e Vila Nova de Foz-Côa. As afamadas competições entre aldeias levaram José de Abruñosa a escrever a sua conhecida obra *Um jogo de barra às portas de Almeida em pleno século XIX*, na qual o autor mistura notórias intenções etnográficas com laivos de criativa ficção.

Na zona castelhana, o *lanzamiento de barra* era semelhante, quer no tipo de material utilizado, quer nas principais técnicas de execução: *a pecho* (por cima ou de peito) e *bajo pierna* (por baixo)⁷. Curiosamente, não se encontram referências, do lado de lá da fronteira, à *barra de pedra*, prática bastante usual na maioria das nossas aldeias, e ao *panco* ou *panca*, lançamento dum tronco de madeira com cerca de quatro metros de comprimento, um pouco à moda do *thossing the cuber*, o mais conhecido jogo tradicional escocês.

Moreno Palos e colaboradores (1993: 35) consideram o *lanzamiento de barra*, os *bolos* (*jogo da bola* ou *dos paus*) e a *pelota* como a tríade de jogos “mais importantes” em Espanha, tendo em conta a sua história e difusão territorial.

O *jogo da bola* ou *dos paus* (*bolos*), uma espécie de *bowling* mais rústico, com diversas variações, foi praticado nalgumas aldeias dos concelhos de Almeida e

6 - Descrito por Serra, Mário Cameira, *Os Jogos Tradicionais em Portugal...*, 1999, Vol. 2: 546-547.

7 - Cf. Andrés Martín, 1987: 62-63. O autor não faz referência a um terceiro *transe*, conhecido por lançar *por baixo con salida*, usado nas grandes competições de barra entre aldeias dos concelhos de Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel.

Sabugal, tendo entrado em desuso vai para meio século. Na região castelhana eram conhecidas várias modalidades, nomeadamente o *bolo-tres tablonos* e o *bolo burgalés*, e, curiosamente, o *juego de bolos de Robleda*, com dez pinos, jogado por mulheres (Andrés Martín, 1987: 65).

Embora não tenha atingido o mesmo prestígio e importância que granjeou no País Basco, a *pelota*, jogada em *frontón abierto* (frontão aberto) foi prática habitual na maioria dos *pueblos* castelhanos. Na zona raiana ainda vai sendo praticada em Freixo de Espada à Cinta, contra uma das paredes laterais da igreja matriz. No distrito da Guarda, há trinta ou quarenta anos que caiu em desuso, tendo constituído um exercício habitual nalgumas aldeias dos concelhos de Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo e Sabugal. A freguesia de Escarigo (Figueira de Castelo Rodrigo) constituiu o seu último reduto, uma vez que esta é a única aldeia que possui um frontão especialmente construído para a sua prática. Todavia, a redução do número de rapazes apressou o declínio do jogo, desaparecendo, deste modo, as habituais competições com a aldeia vizinha de La Bouza⁸.

O jogo da *choca*, *pinha*, *porca* ou *chiqueiro*⁹, apesar de não ser referenciado em todas as localidades raianas, merece também algum relevo, estando geralmente associado às actividades da pastorícia. A sua prática, quase universal, originava episódios turbulentos e desorganizados, que foram merecedores de sublimação e tipificação antes de darem origem ao hóquei em campo.

Em Espanha, este jogo denomina-se *chueca*, em várias regiões, e *cochineta*, *burrina*, *casporra*, *pina* ou *villorta*, em Castilla y León¹⁰.

Conviria também investigar, na zona raiana, a existência de jogos de crianças, derivados de actividades realizadas pelos adultos, como o contrabando

8 - Sobre o declínio deste jogo pode ler-se: Carneira Serra e Pires Veiga, *A Pelota. Contributo para a sua recuperação*, 1986.

9 - Apresenta ainda muitas outras designações: *chichara*, *chichó-albo*, *chucharamona*, *chichorrinha*, *serramuda*, *chiqueira*, *corrolha*, *croque*, *forraço*, *gocha*, *joca*, *marrã*, *reca*, *roça*, *zamborninha*, *zamborra*, *zamborrica*, *zarelho*...

10 - É conhecido por *brilla*, *cachurra*, *catuna* e *villagarda*, na zona de Santander, *choca*, na Galiza, *gurnu*, na província de Soria, *jurma*, na Estremadura e *gurria*, na província de Soria (Moreno Palos, 1992: 72 ss.9).

e a tourada, praticados ou conhecidos em muitas aldeias da zona fronteiriça do distrito a Guarda. Na maioria das aldeias raianas as crianças jogam à *passagem dos bois*, *contrabandistas e guardas fiscais* ou *passagem da carga*, práticas lúdicas inspiradas na antiga lida do contrabando. A imitação da tourada, a prática lúdico-festiva mais apreciada pelo arraiano, tão característica da região fronteiriça, originou entre as crianças, pelo fenómeno da imitação, o jogo do *boi* ou do *toro*, que ainda se observa com frequência nos logradouros das escolas (Serra, 2001: 149-154). A tourada *capeia*, tão característica pelo uso colectivo do *forção*, tem sido objecto de inúmeros estudos e constitui um dos principais cartazes das aldeias da raia sabugalense, a que equivale, nos *pueblos* castelhanos, a *fiesta brava*, com singularidades próprias¹¹.

Apesar de não se terem obtido referências, em Castilla y León, a práticas semelhantes ao jogo do *beto*, este antepassado do *bowling* foi uma das práticas preferidas pelos rapazes da aior parte das aldeias fronteiriças dos concelhos de Almeida e Figueira de Castelo Rodrigo. Trata-se de um exercício colectivo, muito interessante, com evidentes aplicações nas escolas e nas actividades de animação sociocultural.

4. Conclusão

A descrição pormenorizada dos “grandes jogos” raianos, atendendo às características, desenvolvimento e ambiência que rodeava a sua prática não pôde ser concretizada no curto espaço disponível. Com efeito, cada um destes exercícios lúdicos, outrora tão habituais nas zonas fronteiriças do distrito da Guarda e da região de Castilla y León, mereceria um tratamento mais alongado, feito sem limitações.

11 - Dentre a vasta bibliografia disponível sobre a tourada pode ler-se Adérito Tavares, *A Capeia Arraiana*, 1985.

A preservação do riquíssimo património lúdico desta região requer, como atrás advogámos, estudos rigorosos de natureza etnológica, que conduzam à constituição de arquivos e colocação dos seus materiais nos museus locais e regionais. De igual modo, actividades de divulgação, convívio e intercâmbio destes jogos tradicionais, organizadas de um e do outro lado da fronteira, permitirão divulgar práticas comuns e aspectos peculiares, fruto das especificidades locais.

O processo de resgate, preservação e, sempre que possível, reanimação dos jogos da região fronteiriça deverá arrastar consigo, na mesma onda, as festas tradicionais e todas as outras manifestações culturais que estão a entrar em desuso: os modos de falar raianos, os costumes do contrabando e toda a sorte de tradições orais relacionadas com as estações do ano, o ciclo dos trabalhos agrícolas e pecuários e os serões.

Bibliografia

Abrunhosa, José de (1974), *Um jogo de barra às portas de Almeida em pleno século XIX*, Guarda: Edição do Autor.

Andrés Martín, Faustino (1987), *Juegos y deportes autóctonos*, Salamanca: Centro de Cultura Tradicional.

Blanco Garcia, Tomás (1991), *Para jugar como jugábamos*, Salamanca: CCT/Diputación Provincial.

Dias, Jaime Lopes (1942), *Etnografia da Beira*, Vol. VI, Lisboa: Livraria , 1942, reeditado em 1991 pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova (edição facsimilada).

Durão, Maria Teresa B. L. (2001), *Jogos Tradicionais Transfronteiriços. Estudo comparativo entre as actividades lúdicas de Aldeia Velha e Navasfrias*, Monografia de C.E.S.E. Guarda. ESE/IPG.

Guedes, Maria da Graça e Augusto, Manuel (Org., 1993), *Actas do 1º Encontro Nacional dos Jogos de Malha e Mostra de Jogos Tradicionais Portugueses*, C. M. Oliveira de Azeméis e “Correio de Azeméis”.

Hebert, Georges (1910), *Guide Pratique de L'Éducation Physique*. Chartres: Éd. Durand.

Junta de Castilla y León (1985), *Deportes autóctonos de Castilla y León*, Valladolid: Consejería de Educación y Cultura.

Moreno Palos, Cristóbal (1992), *Juegos y deportes tradicionales en España*, Madrid: Alianza Editorial e Consejo Superior de Deportes.

Moreno Palos, Cristóbal et al. (1992), *Aspectos Recreativos de los juegos y deportes tradicionales en España*, Madrid: Gymnos Editorial.

Pires, Ana Maria A.S. (1997), *A actividade lúdica e o contexto sócio-cultural. Estudo realizado em Fuentes de Oñoro e Vilar Formoso, numa perspectiva etnológica e transfronteiriça*, Monografia de C.E.S.E., Guarda: ESE/IPG.

Sanz, Ignacio (1994), *Juegos Populares de Castilla y León*, Valladolid: Castilla Ediciones.

Serra, Cameira (1982), *Jogos de força da zona fronteira do distrito da Guarda*, Comunicação apresentada ao II Estágio Alternativo Europeu de Jogos populares e Desportos Tradicionais, org. pela D.G.D./I.N.D., sob os auspícios do Conselho da Europa, Lamego, doc. policopiado.

Cameira Serra e Pires Veiga, *A Pelota. Contributo para a sua recuperação*, Guarda: ADJTL, 1986.

Serra, Mário Cameira (1999), *Os Jogos Tradicionais em Portugal. As relações entre as práticas lúdicas ocupações agrícolas e pastoris*, Tese de doutoramento, Vila Real: UTAD.

Serra, Mário Cameira (2001), *O Jogo e o Trabalho. Episódios lúdico-festivos das antigas ocupações agrícolas e pastoris colectivas*, Lisboa: Colibri e INATEL.

Serra, Cameira e Veiga, Pires (1986). *A Malha, desporto tradicional português*, Guarda: ADJTL.

Tavares, Adérito (1985), *A Capeia Arraiana*, Lisboa: Edição do Autor.